

FORMANDO NOVOS LEITORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

SILVA, Rosilene Fernandes da
Universidade Estadual da Paraíba

INTRODUÇÃO

Com este trabalho objetivamos apresentar o projeto intitulado “Oficina de Leitura: para gostar de ler”, o qual está sendo desenvolvido em parceria com a Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Estado da Paraíba. O projeto surgiu com o fim de atender a comunidade estudantil da Escola Estadual Félix Araújo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noite. No trabalho com as oficinas de leitura visamos desenvolver atividades de auxílio às dificuldades apresentadas pelos alunos quanto a leitura e compreensão dos textos literários, além de outras artes equivalentes quanto a relevância, tendo como meta minimizar a defasagem de leitura existente na escola. Desse modo o projeto tem caráter social e visa o desenvolvimento da auto estima do aluno cidadão da EJA. As oficinas estão funcionando no ambiente da biblioteca escolar, durante o ano letivo de 2012.

Os alunos inscritos no projeto são, na maioria, adolescentes e adultos que, por trabalharem durante o dia, participam do projeto no mesmo horário que freqüentam a escola, num período de aproximadamente 20 a 30 minutos de aula por semana. renunciaram o intervalo para participarem das atividades do projeto que conta com oficinas monitoradas pelos professores graduados das disciplinas Língua Portuguesa e Inglesa, sob nossa coordenação. Os alunos são divididos por períodos. Nas segundas-feiras, participam das oficinas os alunos da 1ª série do Ensino Médio – EJA, nas terças-feiras, os da 2ª série e, nas quintas-feiras, os da 3ª série, em turmas de no máximo 15 a 20 alunos. Cada turma participa das oficinas uma vez por semana.

No início do projeto em abril de 2012 e com o desenvolvimento das atividades, percebemos que para um melhor andamento das oficinas e para que os objetivos fossem atingidos mais eficientemente, já que os trabalhos estão sendo realizados com três monitores, as oficinas poderão se unir a partir do segundo semestre do ano de 2012. Com esta união ficarão dois monitores numa mesma oficina, ao contrário do que aconteceu no semestre passado durante as oficinas, em que participou apenas um monitor. A realização das atividades de leitura e a abordagem de outras formas de arte e de cultura, como as canções e os filmes foram desenvolvidas mais integradas e com mais eficiência, seguindo um

cronograma de atividades que formulamos visando atingir nossos objetivos com o projeto Para Gostar de Ler.

1. DESENVOLVENDO A PRÁTICA DA LEITURA NAS OFICINAS

Um dos compromissos que pretendemos com o projeto, como professor mediador nas oficinas de leitura, é fazer com que o livro que chega na escola, chegue às mãos dos alunos, para isso utilizamos o acervo de livros existentes na biblioteca da escola. Este acervo conta com, aproximadamente, 1500 livros paradidáticos que utilizamos para os empréstimos aos alunos, além dos didáticos (que são usados em caráter de pesquisa escolar), 30 dicionários, revistas e outros materiais como os textos digitalizados e/ou xerografados, data show (para as vídeos e filmes), minisistem (para reprodução de canções).

Dos alunos inscritos, a princípio, a maior parte frequentava as oficinas, mas, depois de algumas semanas, só permaneceram os alunos mais interessados, pois este tipo de atividade nem sempre desperta o interesse dos adolescentes. A primeira atividade que realizamos nas oficinas do projeto Para Gostar de Ler, no ambiente da biblioteca, é a leitura de textos com temáticas relevantes para a faixa etária dos estudantes, as quais foram levantadas por meio de um questionário. As sequências didáticas são realizadas por série, no trabalho com as oficinas de leitura do projeto, e são dedicados às atividades de leitura de poemas, contos, crônicas, jornais e outros gêneros artísticos e literários como as letras de canções e filmes, além das dramatizações (grupo de teatro em andamento no projeto). Para estimular os alunos, estamos elaborando um painel com o título “Livros que li e gostei”, no qual elencamos, mensalmente, nome das obras mais lidas pelos estudantes da EJA e o nome dos alunos que leram essas obras, que são os mais assíduos nas oficinas de leitura, . Além dessas atividades, há também o auxílio às pesquisas, trabalho em que damos suporte às pesquisas escares.

Num segundo momento, os alunos são livres para escolherem a sua leitura preferida, ou seja, os livros que levarão para casa, como os gibis, revistas, livros ou jornais. A escolha de livros para leitura é livre, só há a intervenção do monitor quando o aluno solicita, e isso normalmente ocorre quando os alunos começam a frequentar a oficina. Para auxiliá-los nas escolhas dos livros os alunos preferem pedir a ajuda a um amigo mais experiente ou recorrer a um painel, onde estão escritos pelos próprios alunos os livros que leram e mais gostaram.

Os alunos não são obrigados a levarem livros para casa, e quando isso ocorre o

monitor intervém, tentando levá-los a conhecer alguns títulos, tendo como parâmetro o perfil, a idade e o sexo destes alunos, e oferecendo vários títulos para que eles possam escolher sozinhos. Essa intervenção vem funcionando de maneira bem efetiva, o importante é estar atento aos alunos e não deixar de estimulá-los para a leitura.

2. DO INCENTIVO À PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

As atividades realizadas no projeto Oficina de Leitura: Para Gostar de Ler, além de estimular o hábito da leitura, estimula também a criatividade dos alunos durante o processo de leitura, nas expressões de Clarice Cardoso (2012) e de Antonio Candido (1995):

“(...) a escola deve preocupar-se em provocar e incentivar seus alunos à leitura, não de forma impositiva ou avaliativa, mas como algo cotidiano, como um direito e bem necessário para a constituição do sujeito. Sendo ela um ato criativo, que liga duas ou mais dimensões da experiência, tornará possível ao homem atingir uma evolução mental mais complexa, e que esse ato criativo seja um ato de libertação, ou seja, de superação(...); exercer a criatividade não significa produzir novas idéias a “partir do nada”, mas recuperar os elementos da cultura, reativá-los e recombina-los através da imaginação e a partir daí corporificar um objeto inédito, original, não-convencional.”.

De acordo com essas palavras, a escola deve preocupar-se em mediar a produção da leitura dos alunos e isso foi visível no decorrer de atividades de leitura de poemas. Primeiramente a monitora recitava ou trazia um vídeo com a voz dos poetas para os alunos, utilizando não somente a linguagem oral, mas também a corporal e sonora. Numa segunda etapa, esse procedimento foi realizado pelos alunos de maneira envolvente e interativa. Os participantes da oficina procuravam declamar os poemas, representando-os com melhor forma, cantavam ou recitavam as poesias, num processo de interação com o texto. O resultado dessa dinâmica foi um número muito elevado de empréstimos de livros tanto de poesias quanto de romances, que anteriormente não se constituía em material de leitura escolhido pelo aluno.

Além das dinâmicas citadas, o projeto vem contando com palestrantes que estimulam

a participação dos estudantes da EJA, através da leituras de textos envolvendo canções e poemas de autores brasileiros, numa visão interdisciplinar dos temas abordados. Os alunos participantes das oficinas afirmam terem ampliado sua performance de compreensão dos textos e também melhorado sua escrita. Estes vão frequentemente à biblioteca e nos contam, com prazer, as histórias dos romances lidos, demonstrando que quando a leitura não é imposta pela escola/professor, elas ocorrem com mais gosto e elevam o índice de conhecimento dos estudantes.

Incentivados pela monitoria, esse processo de leitura culminará, ao final do ano, com a criação de uma antologia de poemas elaboradas pelos alunos, para que participem de um concurso de poesias, podendo também acontecer a criação de uma coletânea de poemas elaborados pelos próprios alunos do projeto Para Gostar de Ler. A orientação para a produção escrita de poemas deverá estar ligada à temas do cotidiano, em decorrência da proximidade. Para as atividades de leitura nas oficinas, e segundo opinião dos estudantes, os temas preferidos foram: a natureza, a família, amigos e por último o amor.

Nesse sentido, as estratégias adotadas para a leitura e produção escrita vão além da exigência escolar, uma vez que esta é ainda uma motivação para ler, perdendo para a atualização cultural e para o prazer, segundo afirma a revista de maio de 2012 de Carta na escola. É necessário atribuir valor a leitura e que a escola comente essa idéia, fomentando sua prática. O projeto Para Gostar de Ler está alcançando êxito nesse aspecto, pois sentimos um maior interesse pela leitura nos alunos. Estes vão sempre à biblioteca e fazem todo um relato oral da leitura do livro, demonstrando o interesse e o prazer pelos resultados que esta proporcionou.

Neste caso específico, além de atender os objetivos da oficina de leitura, atendeu-se também um dos objetivos primordiais do projeto: o desenvolvimento e a valorização da auto-estima, sabendo-se que os alunos do projeto Para Gostar de ler são carentes, tanto financeiramente quanto de material escrito, por isso não possuem um repertório experiencial para atribuir significados à leitura de textos. O ambiente de leitura deste projeto é um espaço onde os alunos podem vivenciar uma prática textual intensa e múltipla e a partir daí tornar-se um leitor mais envolvido e proficiente, não somente pelo hábito da leitura, mas sim por uma leitura como prática social, relevante para a sua constituição como sujeito.

Para as oficinas não usamos apenas os materiais escritos, privilegia-se também as linguagens visual, sonora e corporal, e recorrendo aos materiais de leitura utilizados pelos alunos fora da sala de aula, que é um dos atributos necessários para o desenvolvimento da leitura apontado por Silva (1988).

“ Se diz que a escola está fora da realidade à medida em que privilegia a linguagem escrita em detrimento de outras linguagens, como a visual, sonora, corporal, etc. Na sociedade, fora da escola, o aluno vê e lê uma coisa e na escola uma outra. E este fato recorrente aparece como sendo uma causa do distanciamento entre a escola e a vida social(...)”.

Quando a leitura é vista com esta concepção, além do trabalho com outros tipos de linguagens, trabalha-se com o uso não artificial da língua, provocando nos alunos o porquê da leitura, o que o faz perceber a relevância do que se lê, pondo fim ao imaginário do aluno de que todo texto será utilizado na aula de gramática, ou só para responder algumas perguntas sobre compreensão e interpretação de texto, como comumente ocorre nas escolas. No ambiente de leitura do projeto Para Gostar de Ler isso não acontece, as escolhas dos textos não são para ensinar gramática, as escolhas dos livros não são para fazer uma avaliação ou responder uma ficha de leitura, mas sim para desenvolver o hábito da leitura significativa ou interagir de forma mais prazerosa com os textos narrativos. E, de acordo com Geraldini (1984), está aí uma das diferenças entre a leitura no projeto Para Gostar de Ler e a leitura na escola, *“na escola não se lêem textos, fazem exercícios de interpretação e análise de textos. E isto nada mais é do que simular leitura”*.

Não podemos negar a importância disso tudo para a formação discursiva de um sujeito-leitor, a liberdade do ambiente de leitura do projeto oferece aos alunos o prazer em descobrir os sentidos possíveis por eles produzidos, sem ser questionado se está certo ou errado como afirmou Orlandi (1988): *“ O sujeito leitor se apresenta como esse sujeito da livre determinação dos sentidos ao mesmo tempo que é submetido às regras das instituições(...)”*.

Na busca por informações no texto, o monitor orienta o aluno a fim de explicar a todos os participantes deste processo, o porquê de uma interpretação diferente, respeitando a sua opinião e mostrando a todos que a leitura dá essa possibilidade de haver interpretações diversificadas, pois um texto não é uma unidade fechada onde só vale a significação que o autor quis dar, mas sim algo aberto para que o leitor interaja com o texto. Visto que a compreensão de um texto, segundo Orlandi (1988), vai além da interpretação dada a ele, é necessário ao aluno ir ao contexto da situação (imediate e histórico) da produção deste texto, e ao fazê-lo, poder apreciar o lugar em que o leitor se constitui como tal e cumpre sua função social.

O sujeito-aluno só poderá tornar-se sujeito ativo na produção de sentidos em

materiais a que são expostos se o processo inicial de contato for feito a partir de textos próximos a sua realidade social. É fundamental que o leitor mais proficiente (neste caso, a monitora) faça uma verificação mais sistemática através de um instrumento de pesquisa (questionário, entrevista) das preferências dos alunos em relação a temas e gêneros. A partir destes dados orientá-los na escolha do material e desenvolver atividades de leitura que sejam mais prazerosas e que os levem a refletir e compartilhar os significados produzidos. É na interação com o texto e com o outro que se constrói, des-constrói e re-constrói o sujeito enquanto leitor, ou seja, enquanto produtor de sentidos.

É relevante perceber que, no processo de leitura, a história de vida e de leitura dos sujeitos envolvidos no ato de ler, aparecem na oficina. Histórias de vida baseadas nos atropelos das relações pessoais na e pela linguagem, e uma história de leitura empobrecida pela falta de acesso e estímulo a materiais de leitura.

De acordo com o exposto, a monitora, conforme Orlandi (1988), poderá contribuir para modificar as condições de produção de leitura dos alunos, levando-lhes a reconstrução de suas histórias de leitura, e quando necessário resgatando as relações intertextuais e a história dos sentidos do texto. Para que haja este resgate a monitora deve sair do seu papel de autoridade para dar o direito ao aluno de ler de forma diferente o mesmo texto, e para que possa desenvolver o senso-crítico, sem o temor de que estará submetido a uma leitura única, que é a da autoridade do professor. Com essa perspectiva a monitora provoca o aluno a desenvolver suas próprias histórias de leitura, pois um maior contato prévio deles com textos variados, definindo melhores condições de produções e reflexões sobre a leitura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Oficina de Leitura: para gostar de ler, desenvolvido no ambiente da biblioteca escolar, tem se tornado um espaço onde a leitura é feita com prazer, por isso mesmo ela vem contribuindo para formação de novos leitores críticos e criativos, cidadãos da EJA, do turno noturno da escola Félix Araújo. Os fatores que tornam isso possível são primeiramente a concepção de leitura da monitora, que respeita o aluno e o seu ritmo na produção de leitura dos textos literários, e de outras artes como as canções e filmes, para que a relação entre leitor e texto ocorra de forma pessoal e num momento próprio, sem excluí-lo das atividades coletivas e discussões; a escolha desses alunos, respeitando suas preferências sem impor nenhuma leitura, e o direito de deixar de ler o que não lhe agrada, porque ler ou não ler, ler

e gostar, ler e não gostar, são reações válidas para a formação do sujeito-leitor, sem deixar de questioná-lo o porquê do abandono, o que auxiliará na sua formação crítica.

Outro fator é o ambiente propício para a leitura, com horários para que todos os participantes passem pelo menos uma vez por semana no ambiente de leitura. O acervo com diversidade e qualidade de materiais de leitura priorizando os de interesse dos alunos de acordo com a faixa etária. E o esforço de todos os monitores e coordenador do projeto Para Gostar de Ler com o fim de conquistar a recuperação do valor da leitura, pois é por meio dela que esses alunos terão melhores condições de vida, tornando-se cidadãos críticos para poderem atuar e modificar a nossa sociedade.

Para que o projeto alcance êxito, devemos levar em conta todo esse processo de produção da leitura e do sujeito-leitor, permitindo não apenas a reflexão, mas também a recriação e expressão dos leitores e essa compreensão faz com que o ambiente de atuação do projeto “Oficina de Leitura: para gostar de ler”, seja um espaço onde o aluno se sente livre para se desenvolver como leitor e sujeito da sua leitura, e não um simples leitor-decodificador de mensagens escritas.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3. ed. rer.e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Clarice. Fora de alcance. Revista Carta na Escola. 66 ed. São Paulo: Confiança, maio de 2012.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

GERALDI, João Wanderlei (1984). *O Texto na Sala de Aula*. Cascavel. 6. ed. Assoeste, 1986.

KLEIMN, Angela. *Leitura Ensino e Pesquisa*. 1. Ed. São Paulo: Pontes, 1989.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (1988). *Leitura e Discurso*. 1. Ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 1988.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e Realidade Brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. Recife: Programa de Pós-graduação da UFPE, 2005 (Coleção Teses).

YUNES, Eliana. *Leituras, experiências e cidadania*. In: YUNES, Eliana e Oswald, Maria